

SOBRE A "AUTONOMIA" DA "CULTURA POPULAR" NO MUNDO ANTIGO

*José Antonio DABDAB TRABULSI **

FUNARI, Pedro Paulo, *Cultura popular na Antiguidade clássica*. São Paulo: Contexto, 1989, 80 páginas.

Antes de mais nada, é preciso saudar a publicação de mais uma obra de porte sobre a Antiguidade. Isso porque eu mesmo reclamava, com veemência, no início dos anos 80, da indigência do panorama editorial. Naquela época, reeditavam-se interminavelmente Jeager, Jardé e outros autores do início do século e quase não se publicavam autores brasileiros. Hoje, no entanto, boa parte da obra de Finley, Vernant, Détienne e muitos outros se encontra disponível, além de livros de pesquisadores brasileiros sobre a Antiguidade.

O de Pedro Paulo Funari é mais um fruto saboroso saído do excelente centro de pesquisas que representa o grupo da USP/Museu de Arqueologia e Etnologia.

O interesse pelo livro já começa na descoberta do tema: ele traz o conceito de cultura popular para estudar os grafites de Pompéia. O Prof. Funari traça um quadro interessante que restitui a importância quantitativa do fenômeno das inscrições, mais intensas naquela época do que na atualidade, e o caráter popular da criação.

» Professor do Departamento de
História da Univ. Federal de Ouro Preto

Por ironia do destino, este estudo da cultura popular só foi possível pelas condições de conservação e, portanto, transmissão da cidade símbolo da aristocracia romana. Um programa de enquete e, portanto, instigante e provocador desde as suas premissas.

Ao longo das páginas, o Prof. Funari vai desenhando o quadro de um tipo grafismo popular, de ambientes exteriores, relativo ao mundo imediato e com caráter coletivo manifesto, oposto a outro mundo, da pintura erudita, de interiores, representando uma realidade imóvel, obra individual de um pintor e a serviço da aristocracia (p. 39, por exemplo).

É preciso salientar a fecundidade da abordagem do autor, abordagem global do grafite antigo, não apenas na sua mensagem manifesta, explícita no nível da linguagem, mas nos seus múltiplos aspectos, Gráficos, de suporte, nas suas condições de produção e leitura, etc. A contribuição do autor aponta para novos caminhos, mais promissores, no estudo deste tipo de documento.

Do ponto de vista técnico, o excelente conhecimento do pesquisador sobre a cultura romana, em geral, e os grafites, em particular, torna a leitura agradável e instrutiva, tanto para leigos quanto para os estudiosos da Antiguidade. Pretendo discutir, rapidamente, neste trabalho uma questão de ordem geral, que não chamo "superficial", pois tenho certeza de que o autor a considera essencial, e eu também: a questão da "cultura popular" na Antiguidade.

A ênfase na noção de cultura popular como instrumento de interpretação leva a posições sujeitas a discussão. Por

LPH / Revista de História, 1:108-10.1990

exemplo, na p. 42, o autor opõe a idealização do escravo nos autores eruditos a "desposseção" e a "coisificação" do escravo, perceptíveis em certas representações populares (onde há perda da própria individuação nos traços fisionômicos). Acho que temos, na verdade, um contraste forçado, pois a "imagem" do escravo nas obras da elite é carregada de desprezo. Aristóteles, que é citado, vai até mais longe na famosa teoria da escravidão natural. Em relação à escravidão, pode haver nuances nos sentimentos ou reações, mas não há, na Antiguidade, duas grandes opiniões divergentes a seu respeito.

Outra tendência perceptível ao longo do livro manifesta-se na forma de contrapor às maneiras erudita e popular de expressão. A acentuação da autonomia da cultura popular leva ao elogio das formas populares, em detrimento das eruditas (p. 45-46); Por exemplo: "a primeira frase (popular) possui as características próprias de uma língua viva e criativa: simples, homogênea e vigorosa". No mesmo sentido, na p. 69, é estabelecido o contraste entre alma popular criativa e a erudição esterilizante.

Muito interessante é a demonstração, com exemplos precisos, do fato de que o ato de escrever e a influência da escola transformam a linguagem popular, limitando o seu distanciamento em relação a erudita.

Analisando CIL IV, 8873 (p. 52-53) o autor mostra a negação dos deuses, a ridicularização de Aquiles e a solução apontada: a referenda a Vulcano como deus destruidor da ordem cósmica, O autor mostra, de forma pertinente, como uma

temática crítica e mordaz, de origem popular, foi reinterpretada de forma reducionista e estreita por um comentário de autor contemporâneo. O prof. Funari vê nesse comentário uma contestação a cultura religiosa da elite, feita por uma poetisa inconformada, revoltada, desajustada. Além disso, o autor tende a ver essa contestação como uma elaboração exterior, autônoma, da cultura popular.

Eu oporia a essa interpretação o fato de que a solução apresentada (referência a Vulcano como destruidor da ordem cósmica) representa a canalização da revolta e do desajuste, organizada, agenciada pela própria estrutura da cultura ("dominante" se quisermos, mas eu prefiro por o ponto final depois de "cultura").

O paralelo entre o mundo antigo e o contemporâneo, presente ao longo de todo o livro, e mesmo uma das razões para a sua composição, é muito interessante, mas não pode ocultar, penso eu, a diferença fundamental, que é a seguinte: contrariamente ao mundo contemporâneo, a Antiguidade não teve ideologia alternativa que se apresentasse como contraposta a vigente numa relação de força. A certa altura, diz o autor (p. 52): "a consciência popular poderia por em xeque os fundamentos mesmos da sociedade em que os grupos subalternos viviam". Consciência é justamente o que deve ser discutido e, talvez, o que me separa do Prof. Funari. Um determinado nível de consciência deve estar presente, pois, do contrário, não haveria a expressão da revolta. Mas é uma estratégia oblíqua de agressão, bastante diferente de algumas formas de contestação

parcial, a dos "vencidos" e a dos "vencedores", se ela não é totalizante, e nenhuma cultura é autônoma, nem a "popular", nem a "erudita". Em relação à Antiguidade, acho que podemos falar não de cultura popular, mas de versões (ou interpretações ou usos) populares de uma ideologia nobre e elitista, hegemônica senão única, que dava ao todo social a sua coerência, dando-lhe a sua própria inteligibilidade e agenciando, no seu interior, as formas de limitação e canalização das tensões e conflitos existentes. Não seria melhor para os próprios interessados, passados e presentes, deixar de fazer a "História dos vencidos" para entender melhor como a história fez deles os seus vencidos?

Pela importância do tema, pela competência e talento do autor, pelos

contemporâneas, onde percebemos a condenação explícita e direta do sistema.

No fim do livro (p. 74), o autor mostra como as elites, em diversas épocas, utilizaram a Antiguidade como sustentação ideológica ao criarem "raízes" ou a "herança" do mundo antigo. Daí o interesse em mostrar que as camadas populares da Antiguidade formularam questionamentos contra o elitismo dos dominantes. O Prof. Funari posiciona-se, desta forma, contra a história dos vencedores.

Mas será que, ao tentar resgatar a autonomia das criações culturais dos vencidos, apresentadas de forma favorável e simpática (no sentido etimológico), não se perde um pouco de vista o fato de que esta criação foi engendrada em função das necessidades e condicionamentos conscientes e (largamente) inconscientes da própria luta social? Toda história é

caminhos metodológicos que ele pratica, este livro será recebido, tenho certeza, como uma contribuição importante na área dos estudos sobre o mundo antigo.

